

TRABALHADORES: ESPAÇOS SOCIAIS E TRANSFORMAÇÃO*

*Juliana Lemes Inácio***

RESUMO: Este artigo discute as maneiras como trabalhadores se movimentam nos espaços sociais. A preocupação central é refletir sobre as práticas sociais e experiências de trabalhadores, colocando em foco as memórias por eles elaboradas ao participarem de processos de transformação. O tema é abordado a partir da perspectiva da história social e por meio de fontes orais.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhadores. Práticas sociais. Fontes orais

ABSTRACT: This article speak about the way that workers move in social spaces. The central intention is to reflect about social practices and experiences of workers. putting in focus the memories elaborated by workers when participate in the transformations processes. The theme is approached through the social history perspective and through oral narratives.

KEYWORDS: Workers. Social practices. Oral narratives.

Uma multiplicidade de expectativas e visões de mundo foi expressa pelos sujeitos sociais com os quais estabeleci diálogo durante a realização dessa pesquisa. O desafio de compreender as práticas sociais vividas em Uberlândia, através das narrativas de

* Texto desenvolvido a partir da pesquisa *A gente tem que ficar onde tem serviço*: memórias e experiências de trabalhadores no Distrito de Tapuirama, Uberlândia / MG. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Uberlândia, UFU (2008), sob orientação da Profa. Doutora Heloisa Helena Pacheco Cardoso.

** Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia e professora da rede municipal de ensino.

trabalhadores/moradores do Distrito de Tapuirama,¹ colocou-me frente a pessoas que lutam cotidianamente para assegurarem seus direitos sociais, expressando seus valores e suas atitudes.

Ao elaborar interpretações para as trajetórias vividas e para as relações culturais compartilhadas, os sujeitos apontam estratégias que nos fazem refletir sobre as contribuições dos nossos trabalhos para a construção de um mundo diferente, com igualdade.² Ao narrarem, as pessoas expressam como travam uma luta a seu modo em torno do reconhecimento social, dando-me indícios para compreender criticamente o processo histórico vivido e as maneiras como as transformações se apresentam a eles nos seus modos de ser.

Na busca por esmiuçar as formas como os sujeitos se veem nos espaços sociais e nos processos de mudanças, tomo como foco as experiências de trabalhadores vindos de Jacobina-BA para o município de Uberlândia-MG, atraídos pelo apoio de familiares que viviam no Distrito de Tapuirama, buscando melhores oportunidades de vida.

Em Tapuirama, os trabalhadores vindos da Bahia moram nas “vilas dos baianos”, como são chamadas pelos moradores do distrito. Esses lugares foram sendo distinguidos como “vila de cima” e “vila de baixo” conforme a sua localização geográfica. As casas foram construídas e cedidas aos trabalhadores pela *JPL Resinas* e localizam-se em dois lugares diferentes dentro do espaço urbano. A moradia dos trabalhadores foi planejada para que eles vivessem próximos, em contato diário uns com os outros. Nesse espaço, compartilharam, com seus conterrâneos, sonhos e uma

¹ O Distrito de Tapuirama localiza-se a Sudeste do município de Uberlândia, dista 38 km da sede e o acesso a ele se faz pela BR 452. Tapuirama é um dos quatro distritos que compõem o município de Uberlândia, os outros três são Martinésia (localizado a 32 km de Uberlândia), Cruzeiro dos Peixotos (localizado a 24 km de Uberlândia) e Miraporanga (localizado a 50 km de Uberlândia). Conforme dados do Censo Demográfico IBGE de 2000, Tapuirama possui 1.596 habitantes na área urbana e 530 na área rural.

² FONTANA, Josep. Por uma história de todos; em busca de novos caminhos. In: _____. *A história dos homens*. Bauru-SP: EDUSC, 2004. p. 439-490.

difícil realidade de vida. Era ao vizinho, ou ao familiar que vivia nessa região há mais tempo, que se recorria para pedir um pouco de arroz emprestado ou companhia para ir ao jogo de futebol nos finais de semana.

Esses trabalhadores permaneceram com algumas práticas que lhes eram comuns nos seus modos de viver, como o gosto pelas músicas da região, pelo futebol e a comida “ procuram nos supermercados farinha, rapadura, buchada e outros. No entanto, também assimilaram novos hábitos e transformaram outros.

Inicialmente, esses sujeitos vieram executar uma atividade específica, a extração de resinas, e foram empregados pela empresa *Jurandir Proença Lopes Resinas (JPL Resinas)*.³ A extração de resinas⁴ é um processo de trabalho feito manualmente em meio às florestas de árvore de Pinus. O serviço consiste em estimular a árvore à produção de um resíduo conhecido como goma de resina e é feito em equipes, sendo que cada uma é responsá-

³ Os trabalhadores possuem a carteira assinada como trabalhador rural braçal, são filiados e cadastrados no Sindicato do Trabalhador Rural de Uberlândia. A *JPL Resinas* atua como produtora rural no município de Uberlândia desde 1993. Geralmente, de dois em dois anos a empresa faz contratos de arrendamento para explorar as áreas onde atua e possuía, durante o momento de realização da pesquisa, contrato de subarrendamento com a fábrica *Resinas Tropicais Indústria e Comércio Ltda*. Conforme informações obtidas com o gerente de campo da empresa, a *JPL Resinas* teria um contrato de subarrendado dessa área até o ano de 2008. Sabe-se que este ramo de atividade, a silvicultura, acompanha um ciclo natural e a expectativa é que esta região terá suas áreas praticamente esgotadas num prazo de até dois anos. As expectativas dos trabalhadores em relação a essa possibilidade são analisadas mais minuciosamente no terceiro capítulo da dissertação. Ver: INÁCIO, Juliana Lemes. *A gente tem que ficar onde tem serviço: memórias e experiências de trabalhadores no Distrito de Tapuirama, Uberlândia/MG*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

⁴ O material coletado nas florestas é vendido para a fábrica *Resinas Tropicais Indústria e Comércio Ltda*, fábrica de origem portuguesa que processa a matéria prima para ser vendida, sendo boa parte preparada para exportação. Os produtos extraídos, o breu e a terebentina, são processados e utilizados na produção de gomas de mascar, tintas, solventes e materiais plásticos entre outros.

vel por executar diferentes etapas do processo, que são: raspa de casca, raspa de goma, risca, estria e coleta. Em todas as etapas, a maioria dos trabalhadores são homens. As mulheres atuam somente na fase da coleta, pois esta é a etapa considerada mais leve. Para estas tarefas o tempo não é marcado pelo relógio, mas pela necessidade de sua execução.

Apesar de divididos em equipes, os funcionários exercem suas funções individualmente, pois o pagamento é feito por produção. Ao questionar uma trabalhadora, a Sra. Ivaneide, sobre o serviço que realizava, ela falou de suas impressões:

É bom você ir, trabalhar com liberdade, ocê vai fazer pra você, quanto mais você faz você ganha. Não, vai dizer 'ah você tem que fazer é esse tanto que você tem que fazer' não, lá chega lá diz 'olha aqui você tem que trabalhar é aqui'. Se você ganhou vinte e disser 'não, eu vou tentar ganhar mais dez pra fazer vinte e cinco, pra fazer trinta' o esforço é teu, se você disser 'óh, tirei cinco real vou parar com cinco real', o problema é teu.⁵

Conheci a Sra. Ivaneide, trabalhadora com quem mantive mais contato durante a pesquisa, através da Sra. Antonia⁶. A Sra. Ivaneide está em Tapuirama há dez anos e sempre viveu na chamada "vila dos baianos". Desde então, trabalhava na atividade de extração de resinas na equipe responsável pela coleta, vivendo na vila dos baianos, na "vila de baixo". Atualmente está afastada por motivos de doença. Antes de chegar ao distrito ela lidava com o sisal na Bahia.

A construção da narrativa da Sra. Ivaneide indica que o pagamento por produção é, no seu entendimento, uma liberdade con-

⁵ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos, 39 anos, tem três filhos, casada com o Sr. Hélio que também participou de algumas entrevistas. Entrevista realizada em 16 set. 2006.

⁶ A Sra. Antonia também veio da Bahia, mora na "vila de baixo" e é esposa do Sr. José Carlos, trabalhador da extração de resinas que veio em busca de uma vida melhor e que conheço desde a realização do trabalho de graduação.

cedida pelo patrão ao funcionário. Pareceu-me que a narradora enaltece essas condições de trabalho, que para ela são novas, devido à possibilidade de o trabalhador multiplicar os seus ganhos. A entrevistada expressou, nas entrelinhas, um olhar peculiar em relação aos salários fixos, normalmente pagos aos trabalhadores rurais, permitindo visualizar um campo de experiências próximas às suas, no entanto, diferenciando-se destes naquilo que ela chamou de liberdade. Ela identifica uma dura realidade, na qual se percebe inserida, e elabora sentidos sobre as relações de trabalho. Essa é uma das maneiras como a narradora expressa consciência dos processos vividos.

Mas a liberdade no trabalho, à qual alguns trabalhadores se referem, pode significar o seu aprisionamento. Eles possuem metas a serem cumpridas e os resultados devem aparecer ao final de cada dia. Sozinhos em meio à floresta, eles buscam produzir a tarefa do dia, pois dependem dessa realização para garantirem seus ganhos ao final de cada mês.

O pagamento feito aos trabalhadores diversifica-se conforme a atividade que realizam, no entanto, ele é ordenado de forma a existir um equilíbrio em que o trabalhador de uma determinada equipe não ganhe um valor demasiadamente superior à outra. Os rendimentos são proporcionais e existe uma média salarial⁷ que, ainda que o trabalhador produza bastante, ele não a ultrapassa. Isso contradiz a fala da Sra. Ivaneide e é uma pista para a investigação em torno das maneiras como elementos de acomodação perpassam as atitudes dos trabalhadores.

Quando perguntei a Sra. Ivaneide como ela entende seus viveres em Tapuira, ela narrou:

Aqui menina tudo é legal, aqui trabalha, a gente vai trabalhá, vortá pra dentro de casa à noite, sossegado, todo mês tem seu salarinho, o serviço quase, como é que se diz pobre não tem serviço bom, mais nós como pobres que não sabe lê nem escrevê, pra nós o

⁷ Conforme informações obtidas no decorrer da pesquisa os rendimentos giravam em torno de oitocentos reais por mês.

serviço é ótimo, né? É bom, que é um serviço certo, ninguém manda em ninguém. Trabalha hora, para hora que quer, é um serviço assim é bom apesar que lá fora tem tantos estudado num tá tendo nenhuma chance dessa, não é não?! Que nós é... pelo menos aqui a nossa família é toda analfabeta e nós, todo mundo, trabalha direitinho recebe, recebe décimo, férias. Aqui só paga o quê? A água e a luz, tem a morada sossegada, os filho que tá aí tá na escola, todo mundo aqui eles paga direitinho, tem uma férias daí eles paga, tem horas paga, até adiantado. Você diz assim: 'ah, falta dois mês mais eu tenho um problema pra resolver, não, eu vou pagar depois você tira trabalhando', você vai receber, tira quando for o dia certo de você parar. Você para, o dinheiro já recebeu, eu acho muito importante e acho muito bom! Apesar de 39 anos que eu tenho de experiência, eu acho que a firma lá pela aqui e até muitos lugar, até vamos supor Uberlândia. Outra coisa, a exigência não tem essa exigência grande assim que nem essas outras firma grande tem, né? Então, eu acho bom. [pausa]. Não é todo mundo que encara, mais é um serviço também que.⁸

Mesclada ao que me pareceu uma acomodação no que diz respeito às relações de trabalho, a fala da Sra. Ivaneide girou em torno do conhecimento da sua condição de trabalhadora. Os significados atribuídos às relações vividas nos espaços sociais do distrito foram traduzidos por um sentimento de segurança, em relação às experiências vividas anteriormente. Ela valoriza as relações estabelecidas aqui em detrimento das relações vividas na Bahia, identificando que pagar o trabalhador "em dia" não era próprio do seu modo de viver lá, apontando elementos de mudanças experimentadas pelos sujeitos. Assim, o lugar para morar, o acesso à escola para matricular os filhos e o recebimento de seus direitos enquanto trabalhadores são aquilo que ela valoriza na sua narrativa.

A Sra. Ivaneide identifica a si e a sua família como pobres que

⁸ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set 2006.

não sabem ler nem escrever. Na consciência acerca do lugar social que ocupa, o trabalho que possui é visto por ela com bons olhos, pois “tem tantos estudado num tá tendo nenhuma chance dessa, não é não?!” A visão de mundo expressa por ela a partir de um lugar específico refere-se a uma sociedade permeada de desigualdades sociais e às transformações vividas por “pobres e analfabetos”. Muitos se sentem satisfeitos por receberem aquilo que lhes é de direito, como o décimo terceiro salário e férias, comparando-se a outros, com estudo, que não têm nem mesmo essa chance. Assim, ela articula as suas experiências às de outros com quem compartilha um campo de possibilidades comuns, ainda que em determinados momentos estas se distanciem e se diferenciem.

Ao entender que os materiais da história são organizados pelas pessoas no processo de construção de seus enredos, é relevante levar em consideração que os narradores também dão uma interpretação à realidade, situando-se nela⁹. A fala da Sra. Ivaneide, composta por expressões por meio das quais ela identifica e diferencia relações vividas, abre-me caminhos para perceber as dimensões das relações de classe experimentadas por aqueles trabalhadores, ou seja, um campo onde a luta de classes se forja. Essa luta não está revelada de maneira direta ou determinada, pelo contrário, ela vai se constituindo na relação presente/passado, nas experiências de agentes sociais antagônicos, conflitando valores e interesses, ora transformando-os, ora negando-os conforme as pessoas se identificam numa classe, ou seja, numa dinâmica ativa e construída diariamente.

Como e por que estes trabalhadores escolheram Tapuirama para viver? Como eles experimentam as relações de trabalho e elaboram sentidos para elas? Em meio às formas como a sociedade e o mundo do trabalho estão organizados, como as classes trabalhadoras vivem, compreendem e reagem, ou não, às relações de poder?

⁹ Ver estas reflexões em KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 22, p. 79-103, jun. 2001.

Quando conversava com o Sr. João, trabalhador recém chegado a Tapuirama no momento da entrevista, a respeito dos motivos de sua mudança para o município de Uberlândia, ele elencou múltiplos sentidos para sua vinda:

Eu sempre assim, eu sempre tinha vontade de vim pra cá mais só que[...] eu tinha vontade e ao mesmo tempo eu num tinha, que eu já, eu já tava né, aí eu só queria vim junto de minha esposa, aí sempre os menino [irmãos] telefonava pra lá [para a Bahia] pr'eu ir, mais aí... aí agora eu resolvi vim. Pra trabalhar, lá tava ruim de serviço, eu tava parado tinha uns cinco mês que eu tava, que eu num tinha... tava sem trabalhar, aí eu resolvi vim.¹⁰

As justificativas de alguns trabalhadores para a sua mudança sugerem escolhas desenhadas de acordo com suas prioridades, revelando como as pessoas não são passivas nos movimentos de mudança. Apesar de afirmarem a escassez de emprego na Bahia, em que as condições vividas possivelmente não eram fáceis, as relações familiares são postas em primeiro plano. No caso do Sr. João, ele só aceitaria a proposta de seu irmão para se mudar para Minas Gerais se pudesse vir juntamente com a esposa e o filho.

No momento em que a entrevista foi gravada, o Sr. João e a sua família estavam vivendo em Tapuirama há sete meses. Na sua fala nota-se que, apesar do convite de seu irmão que já residia em Tapuirama, o apoio de sua esposa parece ter sido fundamental para a tomada de sua decisão. Quando perguntei a Sra. Jaiane o que pensava a respeito da oportunidade de se mudar para o distrito, ela responde:

Eu que mais incentivava ele pra vim pra cá, e ele sem querer vim.

¹⁰ Sr. João Batista de Jesus. Entrevista realizada em 16 set 2006. No processo de extração de resinas o Sr. João faz a estria. Sua esposa Sra. Jaiane dos Santos Oliveira, 21 anos, participou da entrevista. Ela não trabalha nesta atividade. Na ocasião da entrevista ela estava desempregada, mas tinha esperanças de trabalhar no corte de cana, nas proximidades do distrito.

Eu disse 'não João vamo', que ele tem parente aqui e eu também tinha, 'tenho parente aqui', eu disse 'vamo, lá a gente vai tá no meio da nossa família é bom'. Aí ele sem querer vim, aí o irmão dele ligava, ele só ficava enrolando. Aí ele mudou de idéia.¹¹

A fala da Sra. Jaiane expressa as suas expectativas em relação à mudança. Mudar para um lugar onde tem parentes foi traduzido por ela pelo sentimento de segurança e é utilizado como um argumento para convencer o marido dos benefícios dessa mudança. Suas expectativas são compartilhadas por outros trabalhadores que fizeram a opção de buscar seus direitos em outros espaços, os quais, na maioria das vezes, são aqueles onde possuem familiares e enxergam, talvez por este motivo, maiores possibilidades de assegurarem condições mínimas necessárias para o viver. Nesse sentido, os laços de amizade e de solidariedade que constituem os modos de viver destes trabalhadores são importantes elementos na investigação em torno dos processos de escolhas, das mudanças e atitudes das pessoas. No entanto, isso não exclui as dificuldades dos trabalhadores em relação a essa mudança, assim como também não elimina as condições difíceis em que vivem.

Quando solicitei ao Sr. João que me falasse sobre o que seus irmãos, que já haviam se mudado, lhe diziam a respeito do modo de vida em Tapuirama, ele narrou o seguinte:

Eles contava pra mim que aqui era bom de morar, porque, em termos de serviço que era bom de serviço. Aí que a hora que a gente chegasse quase num ficava parado e eu lá parado eu disse 'então vou pra lá'. Eles juntaram o dinheiro aí e eu vim, aí eu vim e gostei, eu tô gostando, tem sete mês que eu tô aqui, eu não tenho o que reclamar de Tapuirama.¹²

¹¹ Sra. Jaiane dos Santos Oliveira, 21 anos, casada, tem um filho, está em Tapuirama há sete meses. Participou da entrevista realizada com seu esposo João Batista de Jesus realizada em 16 set. 2006.

¹² Sr. João Batista de Jesus. Entrevista realizada em 16 set 2006.

No interior da organização capitalista, a conduta voltada para a expansão dos negócios e obtenção de lucros tem “desestruturado” as relações de trabalho na medida em que o capital investe em determinadas regiões — principalmente as regiões localizadas ao Sul do país — “mantendo” outras como fornecedoras de força de trabalho disponível para a exploração capitalista.¹³ O viver desses sujeitos, nos espaços para onde se deslocam, passa a ser permeado de tensões, embates e exploração, sem que, nesse ambiente, leituras de mundo e ensaios de resistências deixem de ser delineados. A narrativa do Sr. João dá-nos dimensão dos modos como os trabalhadores reestruturam, à sua maneira, as relações vividas, contando com a família, os amigos e os laços de solidariedade que o ajudaram a se mudar e a permanecer no lugar. Isso significa que as pessoas se movimentam em sociedade, dando uma lógica distinta a ela, no interior dos processos de dominação que vão se forjando na disputa.

Além do convite feito por familiares que já viviam em Tapuira, também a presença de agenciadores intermediou a vinda desses sujeitos. O desejo desses migrantes em contornar as desigualdades sociais experimentadas encontra-se com interesses de outros agentes sociais e organizações. Quando questionei o Sr. Hélio quanto às expectativas que ele possuía em relação à vinda para Tapuira e sobre o trabalho que realizaria, ele narrou situações vividas por trabalhadores:

Aí chamaram, foi um cara lá passear e chamou os cara pra vim que tava precisando lá pra serraria. Aí o irmão dela disse ‘eu vou’, aí ele veio e por aqui ficou nessa serraria, dessa serraria foi e entrou nessa resina. Aí depois que entrou nessa resina, depois precisou de gente, ele foi e mandou pra mim vim.¹⁴

¹³ PÓVOA NETO, Helion. A produção de um estigma: nordeste e nordestinos no Brasil. *Travessia “Revista do Migrante”*. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios “CEM”, ano VII, n. 19, p. 20-22, mai/ago 1994.

¹⁴ Entrevista concedida pelo Sr. Hélio dos Santos, 40 anos, casado, três filhos. Ele participou das duas entrevistas realizadas com sua esposa Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov 2006.

Ainda nos anos 1990, a presença dos agenciadores de mão-de-obra permeia as relações de trabalho. Neste caso, a mesma pessoa que foi “lá passear e chamou os cara pra vim que tava precisando lá pra serraria” trouxe também os trabalhadores para esse outro ramo de serviço, a silvicultura, arregimentando a força de trabalho.

Além da presença dos agenciadores, também os jornais são relevantes na análise do processo da vinda desses sujeitos. Levando em consideração as narrativas dos trabalhadores e as elaborações da imprensa local, percebe-se a maneira como se deu o deslocamento dos trabalhadores vindos da Bahia para a região de Uberlândia e evidenciam-se contradições vividas.

Ao se mudarem, as pessoas geralmente se direcionam para regiões que transmitem imagens de prosperidade e riqueza. Estas imagens algumas vezes são incorporadas por pessoas comuns, despertando o desejo de se aventurarem em busca de oportunidades. Quando a fábrica *Resinas Tropicais Indústria e Comércio LTDA* se instalou no município de Uberlândia em 1999, a notícia foi destaque no jornal *Correio*. Este se preocupou em enfatizar que a implantação da fábrica se deu devido à existência de grande quantidade de florestas de Pinus na região e pela geração de “50 empregos diretos e 600 indiretos, a maioria operários que trabalharão nas florestas de Pinus — matéria-prima essencial para a indústria — de onde se extrai a resina”.¹⁵

Ainda que a imagem de Uberlândia, enquanto uma região desenvolvida — que atrai indústrias e gera emprego, possa talvez não chegar a Jacobina-BA por meio do jornal, considero que na cidade e no distrito, as noções divulgadas por ele são percebidas pelos moradores. Ao narrar como surgiu a oportunidade de se mudar para Uberlândia, a Sra. Ana Paula frisou que ouvia “as pessoas falando: ‘ah, a gente vamos para Uberlândia. Pro Uberlândia, tem um trabalho lá, é bom’. Ah! fez aquela coisa, né, ‘bom

¹⁵ GRUPO português terá fábrica em Tapuirama. *Correio*. Uberlândia, 14 jul 1999. Rural, p. A7.

demais ganha bem, eu vou. Vamos Anaílton? Eu digo vamos”.¹⁶ A ideia de que em Uberlândia teriam empregos e ganhariam dinheiro é, algumas vezes, articulada e difundida entre os próprios trabalhadores que convidam familiares a se mudar, considerando que aqui teriam melhores oportunidades de vida.

Desde 1993, quando a *JPL Resinas* iniciou as atividades no município e começou a trazer trabalhadores do estado da Bahia, estes sujeitos passaram a viver e compartilhar memórias que estão em disputa na cidade. As memórias que vão sendo elaboradas pela imprensa são projetadas para fora ao mesmo tempo em que são vividas por pessoas comuns que, partilhando algumas vezes delas, repassam estas noções para outras pessoas que eventualmente se interessam em mudar para essa cidade.

A imprensa é entendida como um espaço no qual se pode perceber as relações sociais. Os editores dos jornais, enquanto agentes sociais disputam e expressam interesses que possuem na cidade e, nessa direção, as notícias que trazem dialogam com uma condição real vivida pelas pessoas. Qual a dimensão da instalação de uma fábrica no distrito de Tapuirama para as pessoas que lá vivem? Qual o significado de dizer para as pessoas que a Prefeitura Municipal trouxe uma empresa portuguesa? Não seria oportunidade aquilo que os trabalhadores almejam?

A respeito dos trabalhadores da fábrica que se instalaria, a imprensa os apresenta por números porque o seu foco é a presença de uma multinacional no município. Isso é lido enquanto uma tentativa de silenciar sujeitos, práticas sociais e interesses que não condizem com os sentidos que a imprensa e o poder público municipal imprimem à cidade, implicando em tensão pelo direito de pertencer a ela.

O jornal *Correio* divulgou em 1997 uma matéria sobre como a escolha de viver em Uberlândia — por parte de uma família de gaúchos que está aqui há quatro anos — “se deu em função da

¹⁶ Entrevista concedida pela Sra. Ana Paula dos Santos da Silva, 29 anos, casada, tem uma filha e está há dez anos em Tapuirama. Entrevista realizada em 20 ago 2006.

melhor oportunidade de trabalho, melhor qualidade de vida e tranquilidade”.¹⁷ O casal ao qual o jornal se refere é de classe média: eles trabalham com relações públicas ou exercem a profissão de engenheiro agrônomo. Nas entrelinhas, percebe-se a maneira como a imprensa atribui significados para as relações sociais por meio da exaltação de algumas práticas e da negligência de outras, dando movimento a interesses que disputam na cidade.

Nove anos depois, em 2006, o jornal reafirma a ideia de que as pessoas que vêm de fora se “apaixonam” pela cidade porque ela lhes oferece o que eles precisavam: oportunidade¹⁸. É essa a imagem da cidade de Uberlândia que a imprensa elabora, vende para fora e que atrai os “migrantes”. A “cidade industrial e comercial em grande expansão”, como é sugerido pelo jornal, deve ser destinada a pessoas que “têm capacidade” de construir o seu progresso e pertencer a ela. Por esse caminho, o jornal sugere o perfil do “migrante” aceito, identificando-o na figura de um sujeito que escolhe Uberlândia pelas oportunidades oferecidas, luta e vence individualmente as dificuldades, conseguindo hoje ter uma boa posição social, como foi o caso do controlador de voo entrevistado pelo repórter.

Ao longo dos anos 1990 o jornal *Correio* veiculou várias reportagens sobre a vinda de pessoas para Uberlândia. Quando se trata de pessoas pobres, a imprensa os taxa de “deficientes men-

¹⁷ QUALIDADE de vida atraiu gaúchos: casal de Porto Alegre diz que vive em ‘minicapital’. *Correio*, Uberlândia, 31 ago 1997. Especial, p. 22.

¹⁸ A matéria trata de “migrantes” que vêm do Nordeste do país atraídos pelas “oportunidades que a cidade oferece” e que conseguiram vencer todas as dificuldades encontradas nessa região, constituindo, portanto, o perfil de pessoas que dão orgulho a cidade. O jornal transmite a ideia de que aquelas pessoas que são esforçadas e persistentes conseguem alcançar seus objetivos nessa cidade, pois ela oferece oportunidades iguais a todos sendo, portanto, culpa do indivíduo se o sucesso não for alcançado. Nesse sentido, não são as relações sociais que justificam as más condições vividas por grande parte da população. Ver: UM PEDACINHO do Nordeste está aqui: migrantes imprimem seu sotaque e sua cultura em Uberlândia. *Correio*, Uberlândia, 28 mai 2006. Revista, p. C2.

tais, idosos e alcoólatras”,¹⁹ além de mendigos e vagabundos. Para estes sujeitos sociais, aquelas oportunidades oferecidas pela “capital do Triângulo Mineiro” são negadas. Sobre estes trabalhadores, o jornal coloca que “a maioria retorna à cidade de origem porque poucos são aqueles que conseguem emprego” e “uma das consequências do aumento da migração é o agravamento do quadro social”.²⁰ O jornal indica que aqueles que vêm de fora fazem agravar as dificuldades sociais e os aponta como os culpados pelos problemas da cidade propondo, portanto, que serão bem vindos somente aqueles que “têm capacidade”, porque os que não têm estão retornando para seus lugares de origem. Exceção feita aos trabalhadores que vêm suprir a necessidade de mão-de-obra das empresas que empregam trabalhadores não qualificados nas suas atividades.

O viver de trabalhadores, perpassado pelo sentido dessa imagem pública que agentes, como os jornais, ajudam a construir sobre eles, vai se conformando em busca de estratégias para a superação das desigualdades e contradições sociais, da dificuldade de acesso às condições mínimas de sobrevivência e pela sua luta que órgãos do poder desejam apagar.

Se por um lado, na voz da imprensa, esses “migrantes” são considerados os culpados pelos problemas urbanos, por outro eles têm constituído a força de trabalho indispensável à acumulação de capital, e têm se insurgido ou se calado nas condições de vida que se configuram para além daquilo que esperavam encontrar.

Ao entrevistar pela segunda vez a Sra. Ivaneide, questionei sobre os modos como se relaciona com as pessoas em Tapuirama. Ela utilizou de uma experiência constrangedora, em que afirma que uma mulher ofendia os trabalhadores vindos da Bahia enquanto uma outra a rebatia, como um modo de identificar-se como traba-

¹⁹ AUMENTA número de migrantes: mais de mil pessoas chegaram este mês vindas de São Paulo. *Correio*, 30 abr 1996. Cidades, p. 9.

²⁰ MIGRAÇÃO é monitorada pela PMU: maioria dos migrantes é itinerante e boa parte não tem renda. *Correio*, Uberlândia, 04 fev 1997. Cidades, p. 9.

lhadora e provendo-se de uma oportunidade para falar de si mesma. Eles estariam no ponto aguardando o ônibus, quando alguém se queixou dos baianos e foi retrucada por um dos presentes:

Olha, num é porque essa mulher que é baiana que tá aqui que eu tô defendendo não, mais os baiano sai de lá, claro que tem baiano que briga, tem baiano que rouba, tem baiano que bebe, tem todos do mesmo jeito, mais num é os baiano não! Os baiano num tá saindo da resina pra ir roubar nas fazenda não, num teve esses roubo tudinho dentro de Tapuira, num foi preso um bocado, quantos baiano tinha no meio preso? Num tinha nenhum! Tava tudo na resina trabalhando! Igual esses roubo, você tá pensando que tá havendo o quê? Que os baianos que tá roubando? [...] Até quando os baiano tá na resina trabalhando, tá levando a fama de ladrão!²¹

No espaço social onde se relacionam, os trabalhadores convivem com imagens negativas sobre eles, construídas a partir da ideia de senso comum de que “baianos são preguiçosos” e daquelas elaboradas pela imprensa, a partir de uma visão de classe, que veicula uma não aceitação daqueles que vêm de fora, pois eles retirariam as oportunidades dos “naturais da cidade”. As pessoas constroem estratégias de afirmação de seus lugares sociais e de seus valores, buscando desconstruir os modos como são vistos por outros no espaço público no qual se relacionam. A Sra. Ivaneide, no diálogo que estabelece comigo, traz essa vivência e identifica-se enquanto trabalhadora com as experiências dela e dos demais companheiros.

Os modos como vivem, a simplicidade da moradia, da alimentação, de suas vestimentas e as atitudes de alguns que, como sugeriu a Sra. Ivaneide, bebem ou se envolvem em brigas, são elementos que corroboram as maneiras como são vistos pela sociedade. Alguns moradores de Tapuira, em conversas informais, afirmam que depois da chegada dos “baianos”, como denominam

²¹ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevistada em 26 nov 2006.

aqueles trabalhadores, eles deixaram de frequentar os bares do Distrito com amigos ou com a família porque estes os transformaram em lugares de confusão e de brigas. Mas relações de confiança também são vividas por eles:

Que eu acho a pior coisa do mundo, num é a pessoa ser pobre não, a pior coisa do mundo que eu acho é a pessoa sair dessa rua aqui, que eu sou assim se eu, tenho certeza que se eu precisar agora de cem real, eu tenho certeza... se eu agora digo como eu tô aqui eu tenho dez ano, se eu precisar agora de cem real, eu tenho certeza agora, agora eu arrumo!²²

O Sr. Hélio aponta relações que para ele são importantes, como o estabelecimento de confiança entre as pessoas no espaço social em que convive, explicitando que são os valores e as atitudes que instituem sentidos para o lugar onde vive. Assim, ao conversar com a Sra. Guiomar, trabalhadora aposentada e ex-proprietária de uma mercearia em Tapuirama, ela sugeriu relações que perpassam os viveres destes trabalhadores:

Olha, eu tenho os baianos como umas pessoas da minha família. Olha, eles me tratam muito bem, eles são completamente educados com a gente, são pessoas muito legal. Os outros falavam assim pra gente que Tapuirama ia piorar por causa que o ritmo de vida deles são outro. Eles tem um ritmo de vida igual do da gente, são humildes, mais muito legal. [...] São pessoas honestas, são pessoas boas.²³

Apesar de alguns trabalhadores terem feito referência à desconfiança com que eram observados por alguns comerciantes ao entrarem nos mercados, sobretudo quando se mudaram para o distrito, eles construíram uma relação de confiança e de credibi-

²² Sr. Hélio dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov 2006.

²³ Sra. Guiomar Fernandes Rezende, ex-comerciante em Tapuirama, é natural do distrito, tem 61 anos, é casada e tem três filhos. Entrevista realizada em 03 jun 2006.

lidade junto aos moradores do lugar e aos donos das mercearias. Os adjetivos utilizados pela Sra. Guiomar, como por exemplo, educados e honestos, trazem outros aspectos dos modos como são vistos e outros elementos que caracterizam seu viver neste espaço social. As compras do mês realizadas pelos responsáveis pela família são muitas vezes feitas a prazo, prática comum entre os moradores de Tapuira. Isso traz outra dimensão das relações instituídas pelos trabalhadores, sugerindo que elas não são determinadas *a priori*, mas que são refeitas a partir da consciência e dos valores das pessoas.

Nesse sentido, em vários momentos das entrevistas, os trabalhadores se mostraram dispostos a justificarem suas presenças no lugar. Nas duas vezes em que tive a oportunidade de entrevistar a Sra. Ivaneide, o Sr. Hélio, seu esposo, esteve presente e participou da conversa. Em certa ocasião questionei a Sra. Ivaneide sobre como surgiu a oportunidade de se mudar para Tapuira, mas foi o seu esposo quem respondeu:

Hélio: eu pensava assim, que eu digo eu vou porque assim, eu vou porque aqui só tem esse sisal, não é fichado, ele não é fichado, então lá é fichado. Eu vou tentar, se der, bem, se num der, volto, porque eu vim só, ela [a esposa] ficou lá. Chegou aqui [inaudível] chegou aqui foi fichado no primeiro mês. Eu não achei muito bom, quando foi de um mês em diante eu gostei, aí eu mandei buscar ela.

Ivaneide: porque quando veio, veio vinte o... o ônibus foi buscar lá, veio vinte e cinco homem, é a empresa que mandou o ônibus pra ir buscar. [...]

Ivaneide: o povo tudo correu,

Hélio: que os cara desanimou, os [inaudível] foi quase tudo embora, foi aí ficou, só ficou eu o Didi aí, o seu Lilita, aqui só tem uns cinco.²⁴

²⁴ Sr. Hélio dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov 2006.

A Sra. Ivaneide e o Sr. Hélio buscaram estratégias para justificar a sua presença em Tapuira. Na construção dessa memória, a vinda para Minas Gerais é atribuída ao fato de que foi “a empresa que mandou o ônibus pra ir buscar”. Em outro momento da entrevista — se identificando como de fora — ela chega a afirmar que eles não estão tirando a oportunidade de ninguém, buscando dessa forma, legitimar a sua mudança. Mas, ao afirmar que veio porque “tinha muito serviço, aí num tinha gente pra trabalhar” de certa forma ela assimila a explicação dos donos da empresa para a contratação de mão-de-obra vinda de outras regiões.

Também no caso do Sr. Hélio, a imagem positiva, reforçada por um parente que veio antes, o incentivou a ver a mudança para o município de Uberlândia como algo que proporcionaria melhoras na sua vida e nas de seus familiares.

Ao elaborar memórias sobre sua mudança para Tapuira, o Sr. Hélio destacou o seu empenho em arriscar a vinda, procurando mostrar que apesar das dificuldades encontradas no primeiro mês, devido ao serviço ser visto como “ruim de desenvolver”, no qual “os cara desanimou”, ele optou por permanecer. Ele busca construir uma imagem de si enquanto um indivíduo vencedor e permite ler que não buscar outras oportunidades significaria estar sujeito a condições ainda mais difíceis, o que faz perceber como os sujeitos não são passivos frente às transformações vividas. A opção por ficar, ao contrário de ir embora como outros fizeram, constitui estratégia de luta e expressa as expectativas de uma vida mais digna que estas pessoas levam consigo quando se mudam. Emerge nas vivências, e na fala do Sr. Hélio, a condição de classe e a desigualdade social. Será necessário e justo as pessoas se mudarem para terem acesso a direitos? O Sr. Hélio se sentiu instigado a se mudar para outra região movido por esperanças de que a sua vida pudesse ser diferente. Ele traduz suas expectativas na esperança de ser “fichado”.

Em Uberlândia, a realidade encontrada por estes trabalhadores é mesclada por outros elementos que não somente os esperados por eles, como a expectativa de ser “fichado” que move alguns a se mudarem. Por que “o povo tudo correu”? Por que hoje

“aqui só tem uns cinco” daqueles que vieram juntamente com ele? Por que outros tantos permaneceram?

Ao considerar as formas e os significados da narrativa de trabalhadores como a Sra. Ivaneide, percebi estratégias criadas por eles com o intuito de evitar contratempos com o empregador e, ao mesmo tempo, maneiras de deixar claro para mim que não têm problemas com a “firma”, evidenciando sentidos que vão sendo elaborados no processo de produção da entrevista, visto que eles sabem que estão falando para uma pesquisadora. Mas, talvez eles não tenham se sentido seguros com relação aos desdobramentos da pesquisa, apesar de eu ter me apresentado e falado as intenções dessa investigação.

Esses questionamentos me aproximam das reflexões de Portelli e me levam a compreender que enquanto nós pesquisadores estudamos nossos entrevistados e suas repostas, eles permanecem nos estudando e às nossas perguntas²⁵. O narrador permaneceu medindo as palavras a me dizer, bem como também o fez a sua esposa:

É uma coisa que a gente tem que sentar o joelho no chão e agradecer a Deus todo dia, porque quem dizer assim, ‘tá nessa resina, tá aqui dentro de Tapuirama, que tá trabaiano, tá de barriga cheia’, [se] não [é] porque não quer, [pois] dentro de Tapuirama tá passando fome é porque quer, porque não tem só a resina, tem vários pra todo mundo trabaiaá [...].²⁶

As narrativas permitem avaliar as maneiras como os sujeitos entendem as suas trajetórias e também os modos como se comportam nas entrevistas. As suas formas e significados permitem explicações históricas para as trajetórias vividas por trabalhadores e para a compreensão das relações sociais de disputas mani-

²⁵ PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Revista Projeto História*. São Paulo, PUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, n. 14, 1997, p. 8.

²⁶ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set 2006.

festadas, inclusive, enquanto falam. Assim, o trabalho “fichado” é expresso por eles por meio de um sentimento mesclado de conformismo, satisfação e gratidão, sugerindo que a empresa oferece oportunidades e que no distrito só não trabalha quem não quer, consolidando também aquelas imagens veiculadas pela imprensa.

Na construção que a Sra. Ivaneide expressa na relação estabelecida comigo e com o lugar social em que ela se identifica, Tapuira é o lugar onde “todo mundo trabalha”. Ao ponderar sobre a realidade vivida, eles buscam não se indispor com os patrões e, nesse sentido, ao falarem das relações de trabalho como um todo e, inclusive do momento da mudança, eles procuram passar uma imagem de que as relações vivenciadas são harmônicas. Estes sentidos, produzidos no diálogo comigo enquanto pesquisadora, indicam nuances das tensões vividas, visto que estes sujeitos falam na condição de trabalhadores efetivos e precisam garantir os seus salários mensais para sobreviver. No entanto, importa perceber que a relação entre trabalhadores e patrões também se apresenta aos primeiros como algo positivo, porque eles se referem aos patrões exaltando sua humanidade e respeito para com todos os funcionários, independentemente da posição ocupada.

Em determinado momento da entrevista pedi ao Sr. Hélio que explicasse melhor a difícil situação vivida à qual ele havia feito referência:

Sr. Hélio: [...] Agora eu tenho que comprar remédio direto, a gente faz os exame direto num é fácil! Pra passar tem que ter muito cuidado se não tiver cuidado não dá pra vencer não. Porque a gente passa direito, a pessoa pra ser sério é difícil, é poucos! Porque é assim, tem gente [inaudível] que a vez, eu ganho 500 reais, quer dizer que com esse gasto todinho que nós tem aqui. Se fosse outra pessoa em Tapuira, ele num comprava, que eu conheço gente aqui, eu num tô falando mau, tem gente que não compra um quilo de açúcar, porque ninguém confia nele, porque, porque mesmo ganhando pouco ele não tem controle, tem que ter controle pra fazer as coisa, se não aqui dentro não faz não! [...]

Tem que ter o controle porque, cê num tem o controle, vamo dizer assim a vez tem casa que, não porque aqui, aqui nós somo cinco, se tiver o feijão e o arroz com ovo nós come, se hoje, que nem agora esse mês mesmo ter, teve um pouco complicado, mais a gente compra um ovo, o que der pra comprar! Pra que? Pra tu vê que tem que dar conta de fazer as coisa certa, se num der conta, se num souber [inaudível].

Sra. Ivaneide: fecha as porta.

Juliana: fica devendo, né.

Sr. Hélio: [...] Então o que vale eu acho é a pessoa, tem que ter muito cuidado, se num tiver cuidado pra viver no mundo cê tem que ir mudando de lugar pra lugar porque senão, não dá pra ficar. Que aqui cê fica um cara conhecido aqui, eu não tenho crédito para um quilo de açúcar eu tenho que me mudar daqui! Uai eu tenho que mudar, porque eu sou pobre, pobre num tem dinheiro e ele num tem confiança num quilo de açúcar, ele tem que ir pra outro lugar [inaudível].

Ivaneide: vai esmolar na igreja.

Sr. Hélio: porque senão ele não veve não. É verdade! É verdade, eu tenho quarenta ano mais, mesmo de eu novo, eu, eu toda vida eu trabalhei, mais se a gente não tiver controle, a gente não se controla é no Brasil todo, todo lugar que vai não dá certo.²⁷

Levando-se em consideração que, ao narrar, as pessoas elaboram consciência sobre a realidade em que vivem, tomo os enredos do Sr. Hélio e da Sra. Ivaneide como um caminho para pensar as relações de classe. Se por um lado a Sra. Ivaneide valorizou os aspectos positivos da mudança, tais como, o salário, a moradia gratuita e o acesso dos filhos à escola, a fala de seu esposo foi articulada em sentido contrário. Ou seja, isso aponta como essas relações não se dão em sentido único, mas na contradição.

Para agir da forma como, segundo os seus valores e a sua cultura, seria o correto, o Sr. Hélio enxerga dificuldades, revelan-

²⁷ Sr. Hélio dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov 2006.

do um campo de disputas, onde a maneira como a sociedade está organizada não permite que as pessoas vivam “sem controle”. Ou seja, passando a dever nos mercados, agindo de maneira contrária a que outros grupos buscam, pautando-se pela obtenção de lucros. O narrador traz atitudes presentes nos seus modos de viver, suas reações frente aos salários que ganham e as desigualdades sociais, tais como acesso aos tratamentos de saúde e as compras do mês nos mercados locais, referindo que comprar o que o dinheiro pode pagar, significa comprar o básico. Na interpretação oferecida pelo Sr. Hélio, com base nas experiências vividas por quem “trabalhou a vida inteira”, ou seja, identificando-se enquanto trabalhador, as opções para aqueles que não honram seus compromissos será um viver precário, justificado pelos grupos dominantes como culpa do indivíduo.

Nas duas vezes em que visitei a residência do casal com a finalidade de gravar entrevista eu estava em busca de um diálogo com a Sra. Ivaneide, procurando diversificar o perfil dos meus entrevistados e incluir na pesquisa as memórias e histórias vividas por mulheres “migrantes” e trabalhadoras da atividade de extração de resinas. Eu desejava uma narrativa que delineasse possibilidades e limites presentes no viver destes trabalhadores em Tapuirama. No entanto, apesar de as entrevistas terem sempre sido marcadas com a Sra. Ivaneide, o Sr. Hélio se sentiu a vontade para falar sobre questões que o tocavam de alguma forma, talvez porque o homem ainda seja considerado o provedor do lar na nossa sociedade, e tomou a palavra para si em vários momentos, trazendo sentidos diferentes para as relações vividas.

Na ocasião dessa gravação, quando eu e a Sra. Ivaneide conversávamos, o Sr. Hélio havia acabado de chegar do mercado, trazendo alguns alimentos que seriam preparados para o almoço da família e isso é relevante na compreensão do seu enredo. Ao narrar a partir das suas experiências e de sua família, ciente dos seus lugares e das relações que permeiam seus viveres, o diálogo com o Sr. Hélio sugeriu como as coisas boas, vindas com o ato de migrar, não resolvem os problemas. O conjunto da fala do casal permite pensar a não homogeneidade das relações de classe.

A conversa que começou, quando instiguei a Sra. Ivaneide a me dizer os motivos pelos quais considera que sua vida em Tapuirama é boa, suscitou construções de memórias acerca das relações de trabalho, quando ela prosseguiu narrando o seguinte:

É eles que diz que é pesado, mais pra nós não é pesado não menina. Eu não tenho o que falar. Assim, tem gente que diz assim [inaudível]. Eu falo a verdade, todo dia eu agradeço a Deus, [o marido diz que não acha pesado, é cansativo] primeiramente nosso... primeiramente Deus né, que é nosso pai e depois nós ter, tá aqui arrumano esse serviço que ele não serve nem só pra nós que eu vou dizer. Nós nesse serviço aqui, nós ajuda, nós aqui mesmo dentro de casa, nós já ajudou muito parente nosso na Bahia e ajuda! A quem tá precisando de um remédio... lá, muitas vez a gente, não vou dizer que 'ah! lá eu tava passano fome, lá eu não tinha cumê'. Não, mais muitas vez tinha pai, tinha mãe, 'áh, eu tô precisano de um remédio de 50 real', não tinha chance de dá! E aqui se chegar ele e dizer assim 'não, ó minha filha ali o remédio é 18 reais', nós tem, não? 'Ali eu uma [inaudível: me pareceu ser 'tem conta'] eu vou pegar' não? 'Nóis tá em quatro, aqui vamo fazer a bolsa, um dá 50, outro dá 50 e nós manda'. E lá, nós não tinha essa chance! Uma chance de umas coisa que a gente não tinha, as vez, muitas vez a gente não tinha, ah, não tinha um rádio bom, não tinha televisão, não tinha geladeira boa, não tinha o próprio colchão bom pra dormir, que tem gente que fala. Mais o certo é certo né, que tem que "gavar" aquilo que é e pra nós aqui eu [inaudível] pelo menos nós, dentro de casa, graças a Deus! Eu lovo [louvo] a Deus e agradeço [...].²⁸

A Sr. Ivaneide identifica e diferencia relações no distrito daquelas do passado, experimentadas na sua região de origem, possibilitando uma compreensão dos sentidos atribuídos pelos trabalhadores para o processo histórico vivido. Ela projeta as relações

²⁸ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set 2006.

do presente vividas em Tapuira como a oportunidade de ter o direito a um trabalho que lhe proporcione condições de acesso a bens que na Bahia eles não possuíam, como um sinal de sua luta por pertencimento, corroborando, por outro lado, a ideia de que através do trabalho é possível melhorar de vida. Ao narrar o que pode e o que não pode comprar, ela expressa seus valores, o que é importante para ela e sua família em termos de bens materiais são muitas vezes aquilo que eles não tinham acesso. Ao dizer que pode ajudar a família mandando remédio, ela expressa suas expectativas de futuro, pois, se precisar, ela tem segurança de que poderá ajudá-los.

Quando perguntei a Sra. Ivaneide o que ela achou diferente quando chegou a Tapuira, ela respondeu:

Não, lá eu trabalhava, eu fazia minha compra era na feira. Eu chegava aqui 'quanto esse quilo de açúcar? É tanto, ah não, fulano ali me fez mais barato', ele quer é vender mesmo, eu tenho desconto. E aqui você chega no mercado é isso e é isso mesmo, não tem choração. Você vai comprar um quilo de carne: 'ah quanto é esse quilo de carne? É cinco real. Ah, não! Fulano ali me ofereceu de quatro, ah que ele também quer vender não... não vende! Então faça por quatro'. E aqui não tem jeito, não tem quebra galho. [...] É pra negócio de compra lá é mais melhor, aqui assim, eu achava mais surtido e aqui se você compra muito não é que fica caro, você pode comer, agora pagar o dono não paga não! Quando chegá no final do mês, o salário não dá pra pagar, se você entrar na verdura e dizer assim 'eu vou comprar de tudo que meus menino precisa, de fruta, de verdura' não adianta que não compra! Nós economiza mais[...] tudo! Todo mês nós paga cem real no sacolão e a gente olha na geladeira não tem nada de novidade, só aquele de precisão mesmo que precisa porque é caro, não tem jeito. E lá não, lá eu catava, catava um maiorzão que havia cheio de tudo, comprava tudo, perdia, era duma semana pra outra 'ah que final de semana, ah esse já tá velho [inaudível]. Outro novo, aquele ali joga fora oh vamos botar lá pros porco do vizinho'. Assim, pra negócio assim de alimento essas coisa é mais barato, agora pra qui pra dizer assim ah eu

vô ter o dinheiro, eu vou comprar isso e eu vou fazer aquilo, não!²⁹

Se por um lado a Sra. Ivaneide elogiou os aspectos das organizações capitalistas vividas atualmente, traduzindo-as em pagamento em dia, direito a férias e décimo terceiro salário, por outro ela critica as organizações do mercado. Ela percebe as transformações no seu modo de viver por meio de modificações em experiências cotidianas, como por exemplo, o momento de fazer a feira. Em Tapuirama, as relações são outras, aqui ela não vê oportunidade de pechinchar como fazia na Bahia. Comprar tudo o que a família precisa, em termos de frutas e verduras, implicará, talvez, em não ter condições de pagar o dono do mercado ao final do mês. Na memória que ela vai construindo, as relações de trabalho vividas aparentam ser menos impessoais, como se uma rede de solidariedade vivida antes estivesse sendo alterada pela presença de um mercado diferente. Isso é percebido por eles ao notarem que gastam muito, mas têm pouco em casa.

Ao narrar, criando significados para a vida presente no distrito, a fala dos entrevistados é mediada por perspectivas passadas e futuras em que deixam ver a dinâmica dessas relações. Ao ser questionada se teria encontrado o que veio buscar em Tapuirama, a Sra. Ivaneide se remeteu ao passado vivido na Bahia:

Não! Eu já era acostumada mesmo ser andarino, viver pela roça, por todo canto. Eu nunca [inaudível] eu pra mim ele 'óh, é roça!' [dizendo como o esposo, Sr. Hélio, a advertia] eu pra mim que era roça, 'não nós vai chegar lá, vai armar essa lona que nem nós arma aqui, nós vai trabalhar do mesmo jeito'. O meu importante era trabalhar, eu num tinha exigência 'ah! É na casa boa, ah essa casa é ruim, é apertada', não! Eu num tinha [...] nunca teve isso, não porque lá era acostumado e eu tava com menino de três mês no braço, ou de dois e eu chegava lá e arrumava a minha lona do mesmo jeito.³⁰

²⁹ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set 2006.

³⁰ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov 2006.

A memória que a Sra. Ivaneide cria sobre o seu modo de viver antes de vir para o município de Uberlândia é traduzida no ser “andarino”. As significações conotadas por ela para o ser “andarino” têm como referência implícita aquilo que ela vivencia no presente em Tapuirama, a casa onde mora com a família, os bens materiais que pôde adquirir, a educação dos filhos e o emprego fixo, experiências utilizadas por ela como justificativa para sua permanência nesse lugar.

Essas elaborações permitem compreender as maneiras como eles dimensionam suas vivências e reconstróem temporalidades. O tempo vivido na Bahia, ou seja, o tempo de “andarino” é dimensionado por ela pela necessidade de trabalhar e não pela exigência com as acomodações e com a casa, pois ela demarca uma temporalidade maior: a carteira não era “fichada”, trabalhava até o momento de dar à luz e a casa era visitada somente nos finais de semana, porque o trabalho com o sisal exigia que as pessoas morassem próximas ao motor utilizado no processo de preparação da planta para a comercialização. O que se pode ler a partir dessa fala é que direitos trabalhistas e a moradia no tempo da vida de “andarino” não estavam garantidos, sendo parte das transformações experimentadas por eles e, talvez, o que os influencia ao ato de migrar. Isso ainda apresentou-se a mim como algo recorrente no senso comum de que se hoje vivemos mal, antes vivíamos pior ainda. Quando perguntei a Sra. Ivaneide como era a sua vida na Bahia, ela afirmou:

Lá na Bahia era a mesma coisa porque [...] ainda era mais puxado, que nessa época eu ainda tava produzindo, como diz o dizer [risos]. Aí quando eu cheguei aqui já tinha acabado e lá eu tava, ainda tava, eu tinha o quê? Tinha a menina com seis ano, tinha um [...] um com quatro, com três, e outro com [...] E eu trabalhava com todos eles e eu levava pro serviço, ia lá no meu serviço, eu levava, colocava lá a menina, lá ficava e eu trabalhava. De lá eu tava olhando, lá menino brincava na terra, lá menino pulava é [...].³¹

³¹ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 16 set 2006.

Ao remeter ao passado, partindo de relações vividas no presente, a narradora não faz referências a datas. O tempo em que viviam “por todo canto” por causa do trabalho é um tempo ao qual ela atribui importância por ser o momento de criar os filhos pequenos, visto por ela como um elemento que tornava o modo de viver mais puxado do que o de hoje, porque que se dividia entre o trabalho e o cuidar das crianças. A questão que coloquei à Sra. Ivaneide foi bastante ampla: “como era a sua vida na Bahia?”. Em seguida ela introduziu o tempo e os eventos que lhe interessavam. A maneira encontrada por ela para identificar o tempo, se localizar nele e para marcar as transformações vividas estão relacionadas às relações familiares.

Os trabalhadores vindos da Bahia para trabalhar em Tapuira viveram experiências diversificadas que auxiliam na compreensão de sua mudança. Ao narrarem, eles falam dos modos como viviam nessa região do Nordeste, destacando as relações familiares, de moradia e de trabalho. Nas narrativas destes trabalhadores emergem elementos de transformação nos viveres, maneiras como eles as veem, desafiando a precariedade vivida, sendo a condição de fazerem-se trabalhadores o que os aproxima.

O Sr. Jailton, que trabalhava em pedreiras na região de Jacobina, ao falar das relações de trabalho, destacou: “Não, de ter tinha muito, mais eu, pra eu mesmo que estudo não é lá essas coisona. Eu digo: eu tinha mesmo que chegar e, e pra tentar naquele mesmo, que era o único mesmo pra mim, que era o mais fácil que eu tinha, que eu sabia também, né?”.³² O direito à educação e às condições dignas de vida e de trabalho, que a sua fala permite perceber, dá-nos dimensões dos viveres destes trabalhadores no processo no qual estão inseridos ainda que estes sejam perpassados pela exploração.

Hoje, ao ser questionado se deseja retornar à Bahia, ele diz que sente receio em voltar, alegando que lá o emprego fixo não é garantido. Essa perspectiva trazida por ele aparece articulada às

³² Sr. Jailton Pereira Costa (conhecido como “Siri”), 29 anos, casado, tem três filhos. Entrevista realizada em 17 out 2004.

relações vividas, ao alegar que aqui ele tem oportunidade de trabalhar, fazendo “bicos”, mesmo nos períodos em que está de férias.

Já o Sr. Samuel veio para Tapuira ainda muito jovem acompanhado por um irmão. Eles foram recebidos por um amigo que já vivia na vila e lhes ofereceu moradia até que eles encontrassem trabalho. O distrito foi lugar imediato de ida depois de ele ter passado por outras cidades e diferentes experiências de trabalho. O Sr. Samuel trouxe outros elementos em sua fala:

Trabalhava mais minha mãe. Minha mãe lá tem... terra assim, né? Eu ficava mais ela trabalhava lá. [...]. Nós lá, a gente plantava mandioca assim pra [...] gente fazer farinha, sabe? Fazer farinha, essas coisa assim. Nós criava criação, bode [...] É, a gente vendia[...] aí continuava assim: vendendo coisa, plantava mais, fazia farinha vendia, vendia bode.³³

A experiência de trabalhadores como o Sr. Samuel foi marcada pelas relações vividas no campo. O trabalho feito em família, baseado na agricultura, na engorda e venda de animais, caracteriza o viver dessas pessoas, sendo entendido pelo próprio narrador, em outro momento da entrevista, como um viver simples. Assim como o Sr. Samuel, também o Sr. Adonel era um pequeno agricultor em Jacobina, ele plantava e colhia grãos nas suas próprias terras, sem contar com ajudantes, pois os lucros eram pequenos e a produção era destinada para o sustento da família e para a venda. Ele conta que também já trabalhou como auxiliar de construção civil, como barbeiro, entre outros, em diferentes lugares do país. O Sr. Adonel conseguiu adquirir sua casa própria em Tapuira e quando foi entrevistado já não trabalhava mais na extração de resinas, mas em outro emprego na zona rural próximo ao distrito. A compra da sua casa é narrada como uma conquista pessoal, apesar de em alguns momentos ele manifestar um desejo de retornar para a Bahia onde possuía sua pequena propriedade.

O Sr. Hélio e a Sra. Ivaneide sobreviviam por meio daquilo

³³ Sr. Samuel de Jesus Silva, solteiro, 21 anos. Entrevista realizada no dia 20 nov 2004.

que podiam obter no trabalho com o sisal.³⁴ No modo como o Sr. Hélio constrói a memória “O sisal é assim, cê só pode habitar ela, lutar com ela perto da casa porque se chover, por exemplo, ela tá de ponto de tirar hoje, se chover tem que guardar [...] Na casa a gente só vai dia de sábado e domingo”.³⁵ E a Sra. Ivaneide o ajuda “É, nós fazia, nós carregava a nossa lona menina, nós chegava vamos supor aqui é o campo, aí tem esse lugarzinho aí limpo, nós chegava lá [...] armava a lona enfincava quatro pau [...] eu passava era mês!”³⁶. Num tempo em que trabalho e vida se confundiam, os dois expressam dimensões dos viveres, dos modos como moravam, trabalhavam, cuidavam dos filhos.

Através das maneiras como fazem pausas e pontuam as frases pronunciadas, percebi que, ao recompor o passado vivido tendo em mente as relações do presente, o casal compartilha um sentimento de que o cotidiano era composto por lutas. Partilhando com o que postula Portelli, constatei que enquanto eu estava interessada em reconstruir o passado vivido por eles na Bahia, eles estavam interessados em projetar uma imagem. Os entrevistados desejam “buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e temas, no transcorrer da sua vida”.³⁷ O Sr. Hélio e a Sr. Ivaneide procuraram construir a imagem deles enquanto pessoas lutadoras que se esforçam para superar as dificuldades. Isso é estendido para o presente que vivem, quando procuram afirmar-se como pessoas honestas e trabalhadoras, partindo de experiências presentes e desconstruindo a negatividade com que são vistos por algumas pessoas.

Ao analisar o enredo, percebo que essa construção pode ter sido elaborada na perspectiva de afirmarem que a sua mudança e permanência no distrito foram bem sucedidas. Por um lado, essa

³⁴ Trata-se de uma planta da qual se pode extrair uma fibra utilizada na fabricação de produtos como artigos artesanais, peças de automóveis entre outros.

³⁵ Sr. Hélio dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov 2006.

³⁶ Sra. Ivaneide Jesus dos Santos. Entrevista realizada em 26 nov 2006.

³⁷ PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004. p. 300.

estratégia pode configurar uma forma de camuflar os embates vividos, visto que falam enquanto trabalhadores que precisam de um salário para sobreviver e, por outro lado, indica sonhos e expectativas de que o seu viver seja de fato bem sucedido. Ao demonstrar como, por meio das oportunidades encontradas em Tapuirama, eles puderam comprar bens materiais e ajudar os familiares que ficaram na Bahia, eles trazem estratégias instituídas na realidade em que vivem, num diálogo constante com experiências vividas no presente e no passado, tendo em vista o futuro.

Desse modo, o sentido político do sujeito afirmar ser grato por possuir um emprego recai nas possibilidades de explicações para as relações vividas a partir da consciência e dos conhecimentos de mundo dos trabalhadores. Na interpretação do Sr. Hélio, na Bahia “eles num dão um serviço fichado pra gente”, porque na Bahia “lá o governo num dá valor”, identificando o governo como o culpado pelas privações e pela simplicidade de seu modo de viver. As relações vividas em função do ser “andarino” foram clareadas nas suas falas e adquirem formato de resistência e desejo de pertencer, identificando que o importante era ir para onde poderiam trabalhar “fichados”.

Alguns sentimentos presentes nas narrativas destes sujeitos são compartilhados por outros trabalhadores. O Sr. José Carlos, apesar de não se identificar como um “andarino”, mas como um trabalhador que tem família, explicita os significados atribuídos por ele às relações vividas:

Eu acho que não, quando a gente põe uma coisa na cabeça a gente quer mais é fazer aquilo, né. É minha coisa [situação], quando eu estou aqui na hora que dá vontade, não só eu, todos nós né, que na hora que dá vontade de ir embora num... pensa na situação que está lá, né? E hoje lá pra gente hoje tá muito ruim de serviço, tá difícil mesmo, então a gente não pode negar, a gente tem que ficar onde tem serviço, né? Principalmente os que tem família.³⁸

³⁸ Sr. José Carlos Escolácio de Jesus, 36 anos, casado, duas filhas, está em Tapuirama há dez anos. Entrevista realizada em 01 mai 2006.

A justificativa elaborada pelo Sr. José Carlos para a atitude de deixar o lugar de onde veio e procurar meios para se estabelecer, espaços onde enxerga chances de trabalhar e assegurar direitos, remete a elementos de transformações nos modos de viver dos trabalhadores, marcados pelo sentimento de pesar em terem que deixar a sua terra natal e pela desigualdade social.

Ao chegar a Uberlândia, lugar onde a carteira é “fichada”, os sujeitos vão reelaborando seus viveres, suas percepções e seus valores. Na medida em que vivem outras experiências e novas relações de trabalho, as pessoas vão significando os processos sociais vividos, estabelecendo, diferenciando relações e deixando na cidade as marcas das suas práticas sociais.

Os modos como essas pessoas vivem atualmente e as maneiras como foram recebidas no momento da sua chegada, me fazem pensar que trazer trabalhadores de fora, mesmo que Uberlândia possua pessoas desempregadas, assim como em tantas outras cidades no Brasil, compõe a luta de classes no país. Essa luta não é algo encontrado nas estruturas, mas nas ações de sujeitos antagônicos, seja pelo viés da exploração, da acomodação ou da resistência, porque os seus modos de vida se encontram nas relações de disputa. É relevante entender essa luta configurando-se nas experiências das pessoas, não na simples oposição entre classe ou na exploração salarial, ou seja, tomando-a enquanto expressão da consciência dos sujeitos que se forja no dia-a-dia, ela não é pré-determinada e nem se passa somente entre segmentos antagônicos do social. As próprias pessoas, ao identificarem as condições em que vivem, lutam em busca de contornarem os problemas. E se têm consciência de que hoje suas vidas estão relativamente melhores do que antes, isso é tomado como uma pista para deduzir que os trabalhadores entendem que a luta está sendo empreendida. Assim, essa luta se manifesta, muitas vezes, na peculiaridade da invisibilidade no movimento das relações sociais.

Lidar com a história oral por meio do diálogo com a História Social permitiu problematizar as experiências vivenciadas por estes trabalhadores. As entrevistas, cuidadas pelo olhar político que

fixa-se nas práticas e nos atores que afirmam o direito de interferir nos processos de unificação³⁹, suscitaram questões que auxiliam a refletir sobre a dinâmica presente nos espaços sociais criados pelos trabalhadores à medida em que estes participam ativamente na sociedade.

Ao recorrer à perspectiva crítica trazida por Beatriz Sarlo, quando levanta questões referentes ao posicionamento dos intelectuais em relação aos temas por eles abordados, destaco a importância de se atentar ao que ela chama de menos visível no social, àquilo que formula perguntas imprevisíveis e permite imaginar novos modelos de resposta e novos caminhos possíveis de serem trilhados. É essa a proposição que nos instiga a seguir em frente com nossos trabalhos.

Recebido em março de 2009
Aprovado em outubro de 2009

³⁹ SARLO, Beatriz. Um olhar político. In: _____. *Paisagens Imaginárias: arte e meios de comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 55-64.

Outros autores também contribuíram para a construção da pesquisa: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004. THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. THOMPSON, E.P. *Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros*. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação, e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Revista Tempo*. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, v. 1 n. 2, 1996, p. 59-72. ARANTES, Antonio A. A guerra dos lugares; Desigualdade e diferença. In: *Paisagens Paulistas: transformações do espaço público*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000, p.105-164.